

Caminhos iniciais para o estudo do impacto das condições de trabalho na saúde e na qualidade de vida do jornalista¹

Juliana BULHÕES²

David RENAULT³

Universidade de Brasília, UnB, Brasília

RESUMO

Discorreremos sobre a atual fase de uma investigação acerca do impacto das condições de trabalho do jornalista brasileiro na saúde e na qualidade de vida deste profissional. Para tal, apresentamos brevemente o problema de pesquisa, desenvolvemos nosso pensamento acerca de condições de trabalho e de precarização da profissão e também elencamos parte do desenvolvimento da pesquisa, com destaque para a atual fase em que se encontra. Finalizamos com uma reflexão sobre os avanços da investigação e a proposição de algumas hipóteses de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; condições de trabalho; precarização do trabalho; saúde do jornalista; qualidade de vida no trabalho.

INTRODUÇÃO

Podemos elencar diversas mudanças no mundo do jornalista brasileiro na última década, algumas delas não exclusivas no país. Destacamos a ampliação das áreas de atuação profissional, as mudanças nas relações de trabalho, a não obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão, os enxugamentos das redações, o acúmulo de funções devido aos avanços dos aparatos tecnológicos e a própria influência da tecnologia no trabalho jornalístico. Tendo em vista particularidades desse panorama, acreditamos que houve uma piora nas condições de trabalho, bem como o reforço da ideia de precarização da profissão.

Apresentamos como objetivo deste artigo discorrer sobre o desenvolvimento da pesquisa de doutorado intitulada "O impacto das condições de trabalho na saúde e na qualidade de vida do jornalista", que está em desenvolvimento no âmbito da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, email: julianabulhoes.ad@gmail.com.

³ Professor Doutor vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília e orientador da pesquisa, email: renault.david@gmail.com.

Nos propomos a desenvolver uma pesquisa no campo do Jornalismo com interface com o campo da Saúde. Os pilares da nossa fundamentação teórica emergem destas áreas. Temos como conceitos-chave da pesquisa: a identidade do jornalista, as mudanças estruturais no jornalismo, a precarização da profissão de jornalista, os estudos sobre o trabalho, o jornalista enquanto trabalhador, as consequências do trabalho na saúde do trabalhador e a qualidade de vida no trabalho (QVT).

No decorrer da pesquisa, buscaremos caracterizar as condições de trabalho dos jornalistas brasileiros, tendo como recorte geográfico as cidades de Natal e Brasília; desenvolver indicadores da precarização da profissão de jornalista no Brasil; identificar doenças laborais que podem acometer os jornalistas, tanto por pesquisa bibliográfica, quanto por pesquisa de campo; elaborar indicadores para o estudo da saúde e da QVT de jornalistas, tendo em vista as limitações de formação, pois alguns procedimentos de saúde são de execução exclusiva de profissionais habilitados na área; e entender como é a profissão de jornalista em distintas cidades de diferentes regiões do Brasil.

Selecionamos uma tríade metodológica composta pela etnometodologia, pela análise da conversa e pela entrevista em profundidade. Estas três abordagens focam no "ouvir" e corroboram com a ideia que desenvolvemos de autopercepção da saúde, o que de certa forma soluciona algumas limitações da interface com a saúde.

1 O PROBLEMA DE PESQUISA

O Brasil tem aproximadamente 145 mil jornalistas profissionais (MICK; LIMA, 2013). Integrantes de um mercado muito competitivo e com baixa remuneração, os jornalistas sofrem as consequências do atual modelo de trabalho adotado pelo mercado brasileiro.

A pesquisa Radiografia do Jornalismo Potiguar⁴ (BULHÕES, 2014) identificou que no estado do Rio Grande do Norte mais de dois terços dos jornalistas possuem dois ou mais empregos, enquanto que o índice brasileiro é de cerca de um terço (MICK; LIMA, 2013).

⁴ Pesquisa coordenada pela Profa. Dra. Kênia Maia, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; tivemos acesso aos dados brutos da pesquisa, que foram utilizados na dissertação "Perspectivas da prática profissional do jornalista assessor de imprensa: O *ethos*, a identidade e as reflexões deontológicas no contexto da atuação simultânea em redações e assessorias de imprensa de Natal-RN", orientada pelo Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

Cerca de 65% dos jornalistas potiguares trabalham entre 30h e 60h por semana, uma carga horária superior ao esperado para um jornalista com apenas um emprego, já que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (BRASIL, 1943) indica uma carga horária semanal de 30 horas semanais ou cinco horas diárias - o que pode ser explicado tanto pela multiplicidade de empregos, quanto por horas excedentes de trabalho.

Estes dados nos levaram a crer que o jornalismo potiguar passa por uma precarização, principalmente no que diz respeito às condições de trabalho do jornalista, entretanto, não acreditamos que esta situação seja exclusiva do estado do Rio Grande do Norte, por isso nos propomos a ampliar a pesquisa.

Nesta pesquisa de doutorado investigamos as condições de trabalho do jornalista brasileiro e as reverberações na saúde e na QVT deste profissional. Como recorte geográfico, optamos por aplicar a pesquisa nas cidades de Natal, capital do Rio Grande do Norte, e Brasília, capital do país.

As cidades foram escolhidas tanto pela proximidade acadêmica da pesquisadora, quanto por questões peculiares locais e discrepâncias extremas no que tocam as questões de condições de trabalho do jornalista, informações obtidas por meio do exercício profissional e pela pesquisa exploratória. Essa escolha não foi feita visando exatamente uma comparação, mas queremos mostrar que é possível que existam várias realidades no país no que se refere ao tema proposto.

Brasília pode ser considerada a capital do jornalismo brasileiro, pois o Distrito Federal tem a maior concentração de jornalistas per capita do país, que é aproximadamente um jornalista para cada quase 385 moradores; são cerca de 6.500 jornalistas em uma população média de 2,5 milhões de habitantes (SILVA, 2014). Julgamos, com base em pesquisa exploratória, que é a cidade em que o jornalista tem a melhor QVT do país.

Natal foi considerada por anos a cidade com o mais baixo piso salarial do país. Com cerca de 1.700 jornalistas atuantes no mercado (MAIA; FEMINA, 2012), não é excepcional encontrar entre eles profissionais com mais de três empregos formais e também jornalistas que ganham abaixo do piso, que atualmente é 1.370,00 (FENAJ, 2016).

Diante desse contexto, nossa pergunta-problema se dá da seguinte forma: Qual o impacto das condições de trabalho na saúde e na qualidade de vida do trabalho (QVT) dos jornalistas brasileiros, tendo como recorte geográfico os profissionais que atuam nas cidades de Natal e Brasília?

Adotamos na pesquisa a premissa de que a profissão de jornalista está passando por uma precarização, porém ainda não podemos afirmar desde quando há esse fenômeno, mas o relacionamos diretamente às condições de trabalho impostas a este profissional.

Elencamos como principais fatores da precarização da profissão de jornalista: as longas e intensas jornadas de trabalho, o acúmulo de funções e os baixos salários (BULHÕES, 2014; LIMA, 2015; SANT'ANNA, 2005; MARCONDES FILHO, 2009; DUARTE, 2004; SILVEIRA, 2010). As reverberações destes fatores estão previstos como pontos a serem investigados na nossa pesquisa.

2 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E A PRECARIZAÇÃO DA PROFISSÃO

Condições de trabalho são os elementos físicos e psíquicos oferecidos pelo empregador que permitem um trabalhador executar suas tarefas da melhor e mais adequada forma possível.

Para Ferreira (2012), as condições de trabalhos e o suporte organizacional são compostas por cinco elementos: equipamentos arquitetônicos (piso, paredes, teto, portas, janelas, decoração, arranjos físicos e layout), ambiente físico (espaço de trabalho, iluminação, temperatura, ventilação, acústica), instrumental (ferramentas, máquinas, aparelhos, dispositivos informacionais, documentação, postos de trabalho, mobiliário complementar), matéria-prima (materiais, bases informacionais) e suporte organizacional (informações, suprimentos, tecnologias, políticas de remuneração, de capacitação e de benefícios).

Juntamente com a organização no trabalho, relações socioprofissionais de trabalho, reconhecimento e crescimento profissional e o elo entre trabalho e vida social, as condições de trabalho e suporte organizacional compõem os fatores de vivência de bem-estar e mal-estar no trabalho.

Entendemos por precarização laboral um conjunto de fatores relativos às condições de trabalho que faz com que a prática profissional apresente dificuldades no seu pleno exercício. Para Druck (2011, p. 37), "a precarização social do trabalho é um novo e um velho fenômeno, por que é diferente e igual, por que é passado e presente e por que é um fenômeno de caráter macro e microssocial".

A autora mapeou seis tipos de precarização do trabalho oriundos do contexto brasileiro: vulnerabilidade das formas de inserção e desigualdades sociais; intensificação do trabalho e terceirização; insegurança e saúde no trabalho; perda das identidades individual e coletiva; fragilização da organização dos trabalhadores; e a condenação e o descarte do Direito do Trabalho.

Especificamente, elencamos como principais fatores da precarização da profissão de jornalista: as longas e intensas jornadas de trabalho, o acúmulo de funções, os baixos salários, os frágeis vínculos de trabalho (como a terceirização e a pejetização). Acreditamos que estes fatores incidem diretamente na saúde dos trabalhadores.

Destacamos que a ideia de precarização da profissão de jornalista não é recente. No contexto europeu, Accardo (1998) aponta que os efeitos da precariedade e da proletarização dos chamados "trabalhadores-jornalistas" resultam em um empobrecimento material (diminuição do poder de compra, endividamento crescente, deterioração das condições de vida) e em problemas de ordem psicológica, como o estresse.

Tratando de uma realidade brasileira, Sant'Anna (2009, p. 16) relata que os veículos de comunicação brasileiros "reduziram suas equipes, eliminaram coberturas jornalísticas setorializadas, dispensaram os profissionais", enquanto que Marcondes Filho (2009) ressalta que o jornalista teve seu trabalho aumentado com as tecnologias, passou a ter mais atribuições, o contingente nas redações foi reduzido, o prestígio diminuiu, a responsabilidade aumentou e, hoje, qualquer um pode exercer a profissão. Segundo o autor, este conjunto contribui para a precarização profissional, posição cuja endossamos.

Nos atendo ainda à questão da tecnologia, corroboramos com Heloani (2006) no tocantes das supostas vantagens das tecnologias: elas vieram acompanhadas de cargas excessivas de trabalho, invasão da vida pessoal e desconfortos físicos como olhos irritados, dores no pescoço e nas costas, lesões por esforços repetitivos. "As organizações, pressionadas pelo processo de globalização, substituem cada vez mais o homem pela máquina, implementam novas tecnologias e obrigam o jornalista a adaptar-se freneticamente a elas" (HELOANI, 2006, p. 192).

Para Duarte (2004), a precarização laboral expressa a dinâmica de um fenômeno de transições e exposição aos diferentes riscos associados às dinâmicas atuais do mercado de trabalho. A autora relaciona esta questão aos vínculos contratuais instáveis e também às mudanças organizacionais constantes e irregularidade crescente dos horários e das remunerações, mesmo tendo por base vínculos contratuais estáveis.

Silveira (2010, p. 89) traz um recorte histórico-temporal voltado à atualidade quando diz que "considerando que os jornalistas brasileiros enfrentam um processo de precariedade nas condições de trabalho e de remuneração, talvez poucas vezes visto no mercado convencional, eles têm sido hábeis em encontrar saídas que lhes permitam viver com menos privações". Uma dessas saídas citadas pelo autor é justamente a múltipla jornada de trabalho, que implica em uma carga horária excessiva, com longas e intensas jornadas de trabalho, que podem influenciar negativamente na saúde dos jornalistas.

De acordo com Gomes (2006), dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimam que no Brasil cerca de 57 mil pessoas morrem anualmente vítimas de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais. Apesar desses dados serem gerais, acreditamos que os jornalistas não fogem a estas estatísticas.

A saúde do jornalista é um tema bastante debatido no senso comum, porém não frequente em pesquisas acadêmicas, salvas as raras exceções, como as pesquisas de Heloani (2003, 2006) e Reimberg (2015).

No âmbito sindical, há algumas iniciativas pontuais. O Sindicato dos Jornalistas do Ceará realizou em 2010 uma pesquisa sobre a saúde e qualidade de vida e de trabalho dos jornalistas nas redações dos jornais impressos O Estado, O Povo e Diário do Nordeste e constatou que 61,39% dos trabalhadores que responderam o questionário apresentam problemas de saúde oriundos do trabalho, como dores nas costas, pescoço e articulações, seguidos de estresse, ansiedade, problemas de visão, dores nos braços, pernas e articulações, dores de cabeça, depressão e palpitações (SINDJORCE, 2010).

O Sindicato de Jornalistas da Bahia (2015) defende que os jornalistas podem ser os profissionais com a saúde mais afetada, afirmação à qual não podemos endossar no estágio atual da pesquisa. O Sindicato aponta que "dores nas costas, na cabeça, L.E.R., insônia, gastrite, depressão, fadiga visual são alguns problemas motivados pelo estresse que comprometem a saúde dos jornalistas devido ao conturbado e alucinante dia-a-dia nas redações" (SINJORBA, 2015, p. 01).

Antunes (2009) aponta uma direção ao dizer que o trabalho é uma atividade vital, podendo trazer felicidade social ou não, ter um sentido ou não. "Mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem exclusivamente de seu trabalho para sobreviver e encontram cada vez mais situações instáveis, precárias, quando não existentes de trabalho" (ANTUNES, 2009, p. 33).

Dejours (1992) apresenta os sofrimentos e prazeres que o trabalho pode causar, a busca pelo significado, pela motivação e pela satisfação. Ele divide as doenças oriundas do trabalho em duas categorias, doença mental e doença somática.

Voltando-nos especificamente ao caso dos jornalistas, Heloani (2003) cita resultados de pesquisas da OIT, em parceria com sindicatos de jornalistas, que demonstraram tendências para a profissão: "devido às doenças insidiosas e, portanto, de difícil diagnóstico precoce, parte significativa desses profissionais não alcança sequer a aposentadoria" (HELOANI, 2003, p. 20).

Em pesquisas com ênfase nos aspectos psicológicos, psicopatológicos e psicossomáticos relacionados ao exercício do trabalho jornalístico, Heloani (2003) cita uma série de implicações do trabalho jornalístico na qualidade de vida destes profissionais. Ele aponta que os profissionais mais afetados por problemas de qualidade de vida no trabalho (QVT) geralmente são "fracassados" no que diz respeito à vida afetiva e familiar e no cuidado com a saúde.

Para o autor, as novas tecnologias implantadas nas redações têm influenciado no desenvolvimento de estresse, além de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT), como as lesões por esforços repetitivos (LER). Ele aponta oito categorias de qualidade de vida no trabalho (QVT): remuneração justa e adequada, condições de trabalho, desenvolvimento de capacidades, oportunidade de crescimento, integração social, constitucionalismo, equilíbrio entre vida e trabalho e relevância social do trabalho na vida.

As reverberações das condições de trabalho jornalístico na saúde mental e física dos trabalhadores não são exclusivas do Brasil. Herbert (2001), ao falar das questões da prática dos repórteres em uma visão global, indica que um dos maiores problemas desse tipo de trabalho é o esgotamento e aponta que o exercício profissional pode inclusive causar traumas, como é o caso de cobertura de guerras e desastres.

3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Para Gil (2010), cada pesquisa social é única. Entretanto, ele considera que é consenso que uma pesquisa passa por pelo menos quatro processos: planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação do relatório.

Ele sugere que de forma detalhada essas pesquisas podem ter até nove fases, nem sempre explícitas: formulação do problema; construção de hipóteses ou determinação de objetivos; delineamento da pesquisa; operacionalização dos conceitos e variáveis; seleção da amostra; elaboração dos instrumentos de coleta de dados; coleta de dados; análise e interpretação dos resultados; redação do relatório.

No atual momento, estamos empenhados na realização do pré-teste da pesquisa, que faz parte da coleta de dados, que em nosso caso trata-se da realização de entrevistas em profundidade.

Para Gil (2002), é essencial que façamos um pré-teste quando estamos trabalhando com questionários e entrevistas. O autor recomenda que devemos selecionar um número restrito de indivíduos típicos do grupo pretendido. Segundo ele, após o pré-teste deve ser analisado a eficiência do instrumento (no caso, a entrevista) pautando-se em cinco itens: clareza e precisão dos termos, quantidade de perguntas, forma das perguntas, ordem das perguntas e introdução das perguntas. Sendo assim, estamos cientes de que se o roteiro de perguntas se mostrou ineficiente durante o pré-teste, ele deverá ser modificado antes de serem executadas as demais entrevistas.

A partir da colaboração de profissionais e estudantes, elencamos no primeiro ano da pesquisa uma lista de possíveis entrevistados: jornalistas que atuam em Brasília e Natal. Desta lista, selecionamos dois jornalistas de cada cidade para serem entrevistados na fase de pré-teste.

As entrevistas em profundidade estão sendo realizadas com esses profissionais e a partir delas poderemos trabalhar com os objetivos da pesquisa, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento de indicadores de saúde e QVT dos jornalistas brasileiros.

Desenvolvemos para esta fase um instrumento que consiste em um roteiro de perguntas abertas e fechadas, divididas em oito categorias: dados pessoais, sobre Jornalismo, experiência profissional, indicadores de qualidade de vida no trabalho, remuneração e produção, indicadores de saúde, ideologia e vida pessoal.

Estamos registrando as entrevistas por meio de gravações em áudio e anotações, com transcrição literal em seguida. Todo esse material constitui a base para nossa análise dos dados empíricos, bem como as impressões e interpretações dos gestos e falas dos entrevistados.

Ao final da fase de pré-teste o instrumento será analisado e, se for o caso, reformulado. Passada essa fase, continuaremos com as entrevistas em profundidade,

buscando ter amostras suficientes para contemplar vários tipos de instituições na quais os jornalistas atuam - meios de comunicação hegemônicos e contra-hegemônicos da mídia tradicional (emissoras de TV e rádio, jornais impressos, revistas, portais etc.), da comunicação organizacional ou docência, sejam organizações públicas, privadas ou do terceiro setor, variadas funções - repórter, editor, pauteiro, locutor, apresentador, blogueiro, assessor de comunicação ou imprensa, marketing, comunicação interna, relações públicas, analista de mídias sociais, chefe, dono de empresa, professor etc. - e diversos tipos de vínculos - estagiário, freelancer, pessoa jurídica (PJ), contrato sem carteira assinada, contrato com carteira assinada em outra função (embora atuando como jornalista), contrato com carteira assinada como jornalista, contrato temporário, concursado como outra função mas exercendo a função de jornalista e concursado como jornalista.

Também nos interessam questões relacionadas a gênero, idade, tempo de profissão, tipo de formação (se em universidades públicas, privadas ou sem diploma), trajetória, ideologia profissional, sindicalização, não deixando de considerar aqueles que possuem múltiplos empregos e também demais assuntos que possam surgir no desenvolvimento da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminado o primeiro ano da pesquisa, podemos perceber as mudanças de perspectivas. Anteriormente, tínhamos o foco inicial diretamente na saúde e na QVT dos jornalistas. Ao perceber que teríamos dificuldade em tangenciar diretamente esses dois itens essenciais da pesquisa, devido a limitações enquanto pesquisadora-jornalista não pertencente à área de saúde, optamos por fazer uma abordagem inicial no âmbito das condições de trabalho, que naturalmente darão pistas para o estudo da saúde e da qualidade de vida no trabalho.

Avançamos também no delineamento da pesquisa. Havia o plano de investigarmos apenas a atuação dos profissionais com múltiplos empregos, entretanto durante a pesquisa exploratória identificamos que boa parte dos profissionais que atuam em Brasília possui apenas um emprego; sendo assim, não fazia sentido restringir este quesito, que foi substituído por um recorte de perfis, como apresentado anteriormente.

Uma peculiaridade da pesquisa etnometodológica é que os problemas encontrados no percurso e todas as interações constituem parte fundamental do material de pesquisa. É comum, neste tipo de investigação, o abandono das hipóteses de pesquisa antes da ida ao campo. Seguindo esses direcionamentos, desde o início da investigação evitamos ao máximo a formação de hipóteses de pesquisa.

Braga (2005) afirma que normalmente os manuais de metodologia indicam o uso de hipóteses de pesquisa. Entretanto, o autor considera que em pesquisas qualitativas, como é o caso da nossa, isso pode levar a equívocos, pois o pesquisador tende a trabalhar apenas no sentido de confirmar ou não as hipóteses.

Ele defende que as hipóteses *de trabalho*, mais dinâmicas do que as *de pesquisa*, podem ser usadas como base para organizar a observação e fazem com que o pesquisador foque mais no problema de pesquisa, mas sem amarras. Neste sentido, seguimos com algumas hipóteses de trabalho:

- Há peculiaridades nas condições de trabalho dos jornalistas brasileiros que interferem na saúde e na QVT deles;
 - A profissão de jornalista no país passa por um processo de precarização;
 - Existem diferenças marcantes entre o exercício jornalístico no Rio Grande do Norte e no Distrito Federal que vão além das diferenças sócio-econômicas entre as regiões Nordeste e Centro-Oeste;
 - É provável que as condições de trabalho tenham maior impacto na vida de jornalistas mulheres (OIT, 2016), apesar delas serem maioria nos postos de trabalho (MICK; LIMA, 2013).

Sendo assim, tendo em vista que trata-se de uma pesquisa de doutorado com duração de três a quatro anos, avaliamos que foram feitos consideráveis avanços teórico-metodológicos até o momento e com as análises das entrevistas em profundidade poderemos desenvolver mais profundamente nosso pensamento acerca do impacto das condições de trabalho na saúde e na qualidade de vida do jornalista brasileiro.

REFERÊNCIAS

ACCARDO, Alain. **Les journalistes précaires**. Paris: Le Mascaret, 1998.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Revista Comunicação & Educação**, ano 10, n. 3, pp. 288-296, 2005.

BRASIL. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

BULHÕES, Juliana. **Perspectivas da prática profissional do jornalista assessor de imprensa: o ethos, a identidade e as reflexões deontológicas no contexto da atuação simultânea em redações e assessorias de imprensa de Natal-RN**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 1, pp. 37-57, 2011.

DUARTE, Ana Maria. **Precariedade e identidades: questões para uma problemática**. In: Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia. Atelier: Mercados, Emprego e Trabalho. Universidade do Minho, 2004.

FENAJ. **Piso salarial**. Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/pisosalarial.php>>. Acesso em 12 abr. 2016.

FERREIRA, Mário César. **Qualidade de vida no trabalho: uma abordagem centrada no olhar dos trabalhadores**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. Saúde do trabalhador na pauta de discussão da VIII Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde. **Comunicação e Sociedade**, v. 27, n. 45, 2006.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impacto na qualidade de vida do jornalista**. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, NPP – Série Relatórios de Pesquisa – Relatório 12/2003.

HELOANI, Roberto. **O trabalho do jornalista: estresse e qualidade de vida**. Interações, v. 12, n. 22, pp. 171-198, 2006.

HERBERT, John. **Practising Global Journalism: Exploring Reporting Issues Worldwide**. Boston: Focal Press, 2001.

LIMA, Samuel Pantoja. **A precarização do trabalho e a saúde dos jornalistas brasileiros**. In: Anais do III Mejor - Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo: os silêncios do Jornalismo. Florianópolis, 2015.

MAIA, Kênia; FEMINA, Cleber. Os valores profissionais dos estudantes da UFRN: comunicação corporativa, entretenimento e jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 2, n. 11, p. 82-94, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

OIT. **Mulheres no trabalho**: Tendências 2016. Sumário. Organização Internacional do Trabalho: Genebra, 2016.

REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais**: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das Fontes**: um novo ator no cenário jornalístico brasileiro. Um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal. Brasília: Senado Federal, 2009.

SILVA, Cláudio Marcos. **A precarização da atividade jornalística e o avanço da pejotização**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVEIRA, José Ricardo. **O jornalista na comunicação das organizações**: cultura profissional e autopercepção. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SINDJORCE. **Pesquisa do Sindjorce alerta sobre condição de trabalho nas redações**. Publicado em 18 out. 2010. Disponível em: <<http://www.sindjorce.org.br/blog/sindjorce-noticias/categoria/sem-categoria/pesquisa-do-sindjorce-alerta-sobre-condicao-de-trabalho-nas-redacoes>>. Acesso em 14 set. 2014.

SINJORBA. **Saúde dos jornalistas**. Disponível em: <<http://www.sinjorba.org.br/entrevista04.php>>. Acesso em 14 set. 2014.